

**JORNAL CORREIO DE SÃO FÉLIX: ENTRE FATOS E NARRATIVAS DE
UMA CIDADE.**

José Alberto Nascimento de Jesus
SEC/BA
e-mail: albertohist@yahoo.com.br

RESUMO:

A proposição do presente artigo se justifica pela importância que exerceu a cidade de São Félix, na economia baiana, do século XIX até meados do século XX. Por sua posição geográfica favorável e estratégica, situada às margens do rio Paraguaçu, atracadouro para o deslocamento de pessoas e mercadores, entre o litoral do Recôncavo baiano e a regiões oeste da Bahia. Graças aos, até então, meios tradicionais de transporte, de embarcações, via fluvial, e o trem, na via terrestre. Por meio da investigação no Jornal Correio de São Félix foi possível encontrar inúmeras matérias referentes à cidade. A ideia aqui é trazer à discussão o tema cidade, e fazer a problematização das narrativas publicadas no Jornal Correio de São Félix. Estaria o referido Jornal servido como veículo de autopromoção pública, estratégia para a manutenção e consolidação de carreira política local, frente aos potenciais leitores/eleitores? De acordo com Maurício Dantielly Calonga (2012), o discurso da imprensa e sua linguagem não se restringiam apenas a um conjunto de vocabulários. [...] Expressa-se, portanto, através dos jornais, as forças políticas dos grupos que compõe a sociedade. A historiadora Tânia Regina de Luca (2006) acrescenta que jornais, revistas, rádio e televisão são empresas que não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas buscam selecionar, ordenar, estruturar e narrar, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público.

PALAVRAS-CHAVES: Jornal – Narrativa – Cidade.

Introdução

A cidade de São Félix localiza-se no Recôncavo Baiano, vizinha à cidade de Cachoeira, tendo como marco divisório o rio Paraguaçu. Esse rio recebe afluente das águas nascentes da Chapada Diamantina, localizado no centro oeste da Bahia. Região que recebeu esse nome devido ao garimpo que se desenvolveu naquela região no século XIX. Além do garimpo, a região da Chapada já desenvolvia uma economia agropecuária em grandes fazendas, formando, assim, conglomerados urbanos.

O transporte de produtos do interior para o litoral que tradicionalmente vinha sendo feito em montaria de lombos de animais – muares, cavalos –, tendo a companhia e ganha o reforço do transporte sobre os trilhos – o trem, a partir do final do século XIX. O trem fazia o percurso terrestre até as cidades portuárias, devido evidentemente à logística operacional do transporte fluvial – barcos à vela, navio a vapor, saveiros – que complementava o trajeto de mercadorias e pessoas, do interior para a capital baiana.

Nesse interim, a cidade de São Félix constituía-se num desse entroncamento viário que se refletiu no dinamismo de sua economia local ao longo da primeira metade do século XX. Havia diversas fábricas de charutos e cigarrilhas, fábricas de caramelos, gelo, velas, sabão, contando ainda da instalação de centros recreativos e agremiações musicais e desportivas. Sendo a filarmônica um dos elementos mais significativos da expressão cultural, na qual os sujeitos interagiam e socializavam como lazer.

Até meados do século XX, havia ainda na cidade de São Félix um significativo serviço portuário, refletindo-se na forte atuação dos trabalhadores do porto em associação sindical, como a dos estivadores. Categoria operária que operava um serviço estratégico na dinâmica da economia local e, que, portanto, requeria uma mediação nas greves por parte das autoridades locais.

A particularidade da economia dessa área do Recôncavo Baiano remonta a meados do século XIX, quando diversos armazéns e manufaturas de charutos são instalados na cidade de São Félix. E que no decurso do século XIX, outras cidades do Recôncavo despontaram no fomento econômico: Cachoeira, Castro Alves, Cruz das Almas, Maragogipe, São Félix, Sapeaçu, sendo elemento de fixação populacional no processo resultante de emprego e renda. Tradicionalmente, a fabricação de charutos na Bahia é feita por mulheres¹.

Para Kátia de Queirós Mattoso, a construção da ponte entre Cachoeira e São Félix, inaugurada em 1885, colocou Feira de Santana diretamente em contato com o Centro-Oeste da Província, “especialmente com a região da Chapada Diamantina, que tinha ligação ferroviária com Cachoeira” (MATTOSO, 1992, p. 93).

Para o historiador Valter Fraga Filho as cidades de “São Félix e Cachoeira eram centros urbanos que atraíam população devido às atividades portuárias, comerciais e, principalmente, à concentração de indústrias fumageiras” (FRAGA FILHO, 2006: 329). O autor ainda informa que a condição de entreposto comercial fortaleceu-se com a construção das estradas de ferro no final do século XIX, atraindo libertos e escravos fugidos para as obras.

¹ <http://www.webartigos.com/artigos/a-cultura-fumageira-no-reconcavo-baiano-e-seu-legado-cultural-e-economico-nesta-regiao/67945/#ixzz35yKFHUzQ>

A instalação da ferrovia no Recôncavo baiano atraiu um contingente significativo de trabalhadores no quadro da população economicamente ativa da região. Estando ela intimamente relacionada ao aproveitamento de mão-de-obra oriunda da então decadente agroindústria açucareira. Isso significou também uma nova forma de relações sociais de trabalho que se consolidaria na primeira metade do século XX.

“Vamos perceber que a grande massa de operariado estava concentrada nas oficinas, e que era composta por trabalhadores das usinas de cana-de-açúcar, já na segunda metade do século XIX, na forma de serviço temporário. Durante a entre safra da cana, os artífices das usinas de açúcar vieram a se constituir na mão-de-obra especializada que passa a ser mecânicos, montadores, carpinteiros, ferreiros, fresadores e caldeiros. O que pode ter resultado em economia com treinamento de mão-de-obra para as companhias de trem de propriedade inicial dos ingleses, aqui no Recôncavo Baiano.”
(*NASCIMENTO, 1988 p 18*)

Nessa abordagem Nascimento (1988) pontua a qualificação dos operários egressos das usinas de cana-de-açúcar na consecução do quadro de pessoal da rede ferroviária local. Aspecto conveniente à administração da empresa férrea, pela minimização dos custos em treinamento de pessoal bastante reduzido. Levando-se em conta que a empresa de transporte terrestre visava à obtenção do lucro, com a exploração desse tipo de serviço.

Haja vista que não havia gratuidade no transporte de massa, requerendo por parte do passageiro a compra do ingresso, antecipadamente, nos guichês de venda. O trem ainda transportava mercadorias, matérias-primas, lenhas, gado. Sendo cada trem ou vagão especializado destinado para essa ou aquela finalidade de transporte.

A montagem das tabelas tem nos feito visualizar com melhor amplitude o histórico populacional da cidade de São Félix, dando uma dimensão generalizada das atividades ocupacionais, do domicílio e dos relacionamentos afetivos mediante a consecução dos casamentos. Dados esses obtidos através de fontes cartoriais no Fórum da cidade e o censo demográfico do IBGE, como item complementar para os dados da pesquisa. Nesse primeiro momento formou-se o seguinte quadro sobre a quantidade estimada de habitantes na urbe de São Félix, na tabela seguinte:

Tabela 2: Histórico Populacional de São Félix e Distrito.

Ano	Habitantes
1872	35.086
1892	47.234
1920	12.723
1940	14.851

1950	14.801
1960	14.563
1970	13.267
1980	15.243
1991	12.192
1996	13.185
2000	13.699

Fonte: Escritório do IBGE, na cidade de Cachoeira - Ba.

Conforme informa a historiadora Elizabete Rodrigues da Silva “em 1892, já havia doze fábricas em todo o Estado, sendo que apenas quatro na capital, duas em Maragogipe e seis em São Félix” (SILVA, 2007, p. 2). A historiadora ainda pontua que a Dannemann e a Suerdieck, as duas maiores, de procedência alemã, aspecto ilustrativo do processo de imigração europeia também na Bahia.

É nesse contexto que se encontra o *Jornal Correio de São Félix*¹ que, também, representava o principal veículo de comunicação impresso e semanário na cidade de São Félix, de meados da década de 1930 até os anos 1970. Nesse periódico há registros sobre diferentes eventos que iam ocorrendo na cidade, tanto no que diz respeito às manifestações de cultura, passando pelas narrativas dos altos e baixos vivenciados na economia local, assim como, os enredos das mediações política e partidária, cenário que compôs a sociabilidade.

Em um primeiro momento pode parecer ao leitor que o *Jornal Correio de São Félix* atuava vigilante na ingerência do patrimônio público e as questões ligadas ao trabalho. O Periódico buscava focar no discurso, no que se pode chamar de politicamente correto, fazendo reflexões sobre aspectos da política nacional e local. Na década de 1940, o periódico acima trazia o lema ‘*Política, Arte, Desporto e Informação*’, buscando revelar uma abrangência diversificada nas abordagens de suas páginas junto ao leitor.

Em meados dos anos 1940, o *Jornal Correio de São Félix* passa a ser dirigido pelo redator-chefe, Luiz Gonzaga Dias, que além de escrever artigos e notas nesse Periódico, também se destacou como poeta. Os versos de suas poesias eram presenças constantes entre as páginas do Periódico. No trecho abaixo, Luís Gonzaga Dias traz uma reflexão intitulada ‘A Última do Ano Velho’, lamentando os prejuízos materiais

advindos das inundações nas ruas da cidade, em função da enchente com as águas do rio Paraguaçu.

Luiz Gonzaga Dias acrescenta que as inundações atingem as áreas mais baixas das ‘cidade-irmãs’, referência à cidade de São Félix e Cachoeira, ambas situadas no entorno do referido rio. Assim como, busca informar o grande volume desceu do ‘sertão’, numa referência as nascentes do rio Paraguaçu, situadas na Chapada Diamantina.

O Paraguaçu subiu o cais, invadindo os pontos mais baixos das cidades-irmãs, prometendo como entrada de ano novo, o desolado efeito das suas depredações sobre a população da zona.

O empecilho da cheia envolto no manto da ansiedade e do pânico, pairou famélico com as garras ameaçadoras, sobre as vias de comunicação com a lavoura, o comércio e as residências, causando prejuízos que poderiam ser evitados.

O susto foi tremendo em vista dos boatos e notícias de maior volume de águas descendo do sertão. Não foi maior porque o povo não aceitou baseado em longa experiência que a ‘água do monte’ viesse mesmo em dezembro.

Enfim, poderia ser pior... (DIAS, Luís Gonzaga. A Última do Ano Velho. CORREIO DE SÃO FÉLIX, São Félix, nº 31, 31.12.1944)

Entre uma nota e outro, artigos, contos, propaganda e publicidade, havia denúncias sobre diversas problemáticas vivenciadas na cidade de São Félix. Desde problemas relacionados aos alagamentos das ruas quando das enchentes do rio Paraguaçu, assim como, da carência de moradias habitacionais para os operários, até denúncias de obstrução viária por serviços não acabado pela Rede Férrea. À frente do Jornal, Luiz Gonzaga fazia recorrentes denúncias, lamentando a precariedade do serviço de transporte à disposição na cidade de São Félix.

Acredita-se que o processo de sucateamento da malha ferroviária no Brasil, em meados do século XX, deveu-se a política econômica do governo federal, que passou a incentivar a indústria automotiva e, conseqüentemente, a construção de rodovias pelo país.

Fato determinante, inclusive, na transferência de parte da logística – oficinas – da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, de São Félix para as cidades de Alagoinhas e Salvador, no final da década de 1940. Evento esse também noticiado pelo jornal local.

De acordo com Maurilio Dantielly Calonga (2012), o discurso da imprensa e sua linguagem não se restringiam apenas a um conjunto de vocabulários, mas antes, seriam

capazes de desvelar o nível básico das relações sociais. Expressam-se, portanto, através dos jornais, as forças políticas dos grupos que compõe a sociedade.

De acordo com CALONGA (2012), os jornais buscam atrair o público e conquistar seus corações e mentes. E desse modo, os jornais estariam mesclando os interesses políticos e de lucro. Assim, De Luca e Martins (2006) que jornais, revistas, rádio e televisões são empresas que não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas buscam selecionar, ordenar, estruturar e narrar, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público.

Isso transparece ao longo das narrativas construídas no *Jornal Correio de São Félix*, no que diz respeito à deficiência no sistema de transporte local, buscava evidenciar a omissão da administração da Empresa Férrea. Conforme registro desse mesmo Jornal, na edição de nº

Percebe-se, portanto, intensas críticas das quais se valiam Luiz Gonzaga para obter alguma projeção e notoriedade ao refletir sobre o panorama das ações e atitudes envolvendo segmentos representativos da política nacional e local.

Não há Meio Termo

Lenta, mas progressiva, a política nacional remodela-se sob a influência do espírito europeu, civilizar-se, cria novo aspecto inédito entre nós. Já outro dia, vimos confraternizados, num almoço oficial, os dois competidores eleitorais para a próxima campanha presidencial, o general Eurico Dutra e o brigadeiro Eduardo Gomes.

Na cidade de Salvador, figuras destacadas como Juraci Magalhães, Negreiros Falcão e Agildo Barata, brigadeiristas, majoristas e comunistas, almoçaram juntos, numa demonstração inequívoca de cavalheirismo, demonstrando que amizades pessoais e relações sociais não se rompem ao embate das ideias partidárias da política.

[...]

É um novo aspecto no cenário nacional dos políticos tendente a melhorar a mentalidade estacionária dos seus representantes pelo interior, onde militar em situação oposta é ser inimigo estranhado e fígadal passível de hostilidade e rancores mal sopitadas.

Se todas as formas de partidos ostentam a bandeira sagrada do civismo na intenção de exaltar a Pátria, deve haver respeito e deferência entre as hostes defrontadas na arena da eleição como representantes da cavalaria antiga e não como inimigos acérrimos e desleais na luta pela conquista de posições e vantagens outras que apaziguem ambições rasteiras. ((DIAS, Luís Gonzaga. A Última do Ano Velho. CORREIO DE SÃO FÉLIX, São Félix, nº 537, 22/set./1945)

Nesse discurso, o jornalista toma partido ao se posicionar tecendo críticas, adjetivando outros sujeitos sociais como “despersonalizadas”, configurando a parcialidade do discurso. Havendo, portanto, um ambiente de tensão entre o que veicula

na imprensa e a repercussão que se estabelece da notícia. Em seguida, o jornalista coloca a imprensa numa atribuição pedagógica, ao pontuar, que nos grandes centros, “a missão do jornalista é orientar, cooperar no bem estar coletivo, apontando falhas, noticiando fatos, imparcial, [...] visando um Brasil mais forte pela depuração e expurgos de velhos costumes enraizados nas pequenas cidades.”

Observa-se o uso da palavra “imparcial”, em defesa desse veículo de comunicação de pretensa neutralidade na abordagem dos fatos. A análise tem um cunho defensivo, revelando existir posições ideológicas divergentes nas relações sociais locais. Os argumentos usados por Luiz Gonzaga Dias são deferências usadas por ele, sobretudo, em suas poesias, em seus artigos ou crônicas, para se projetar como figura pública junto ao leitor, através de atos que contemplem uma autopromoção.

As intenções políticas aparecem mais claramente na campanha eleitoral para as eleições municipais de 1950, quando se verifica nas páginas do Jornal Correio de São Félix a propagandas dos candidatos, inclusive, as de Luís Gonzaga Dias.

Luiz Gonzaga Dias ocupou a cadeira na bancada da legislatura municipal da Câmara de Vereadores de São Félix. Filiado junto à legenda partidária da União Democrática Nacional – UDN.

Tabela 01: Trajetória de vereança de Luiz Gonzaga Dias.

Período	Função
1951 a 1955	Vereador
1955 a 1959	Vereador
1959 a 1963	Vereador
1963 a 1967	Vereador
1967 a 1971	Presid. da Câmara de Vereadores.
1971	Prefeito Substituto
1971 a 1973	Presid. da Câmara de Vereadores.
1973 a 1977	Vereador

Fonte: Efeméride Sanfelixta – Acervo do APMSF.

Registros em atas de sessões da Câmara de Vereadores dão conta do posicionamento do vereador Luiz Gonzaga Dias, em propôs que se fizessem ações na administração pública, no sentido de amenizar os problemas da crise da economia local. Luiz Gonzaga buscava expressar a preocupação com o desemprego, com a falta de espaço para moradia e, principalmente, o “desmonte da cidade”, nos anos de 1950.

O processo de desmonte da cidade é preocupação contida na narrativa da imprensa local, conforme registro de recorrentes descarrilhamento de vagões e/ou locomotivas, atropelamento de pedestres e animais, acidentes com operários da ferrovia.

No Jornal Correio de São Félix, por exemplo, são recorrentes as notas de denúncias quanto a situação de descaso dos trens, atribuídos aos chefes da Rede Ferroviária Federal Leste Brasileiro.

Sobre esse aspecto, aparece uma nota aparece no Jornal Correio de São Félix, dando conta de informar sobre os transtornos dos trens da Leste nas vias urbanas da cidade, com o sugestivo título: “Novo desastre na leste Brasileiro”. Publicado no dia 22 de abril de 1950.

Novo desastre na Viação Férrea Federal Leste Brasileiro acaba de acontecer na terça-feira desta semana, felizmente sem o balanço trágico de perdas de vida humana, o que poderia ter acontecido em vista do estado em que ficou a composição constante de três carros e uma locomotiva, que teve o tender quase destruído, um carro cheio de saco de feijão, virado e arrebentado, além de outros dois fora de linha.

A locomotiva sinistra pertencia ao serviço de construção e vinha para reparos, o que demonstra não estava em condições de puxar comboio de carga, principalmente levando-se em conta o seu tamanho.²

A informação trazida pelo Jornal busca descrever o fato, mas também se apresenta para o leitor como sendo uma nota investigativa, apontando as quase e consequências dos fatos. E nesse sentido, o editorial do jornal do toma uma posição, um tanto quanto interessada, portanto, parcial não neutra dos fatos. Daí porque, quase sempre, notícias desta natureza que aparecem nesse e outros jornais que foram utilizaram como consulta para esta pesquisa, fazem julgamento, emitem uma opinião dos fatos. Resta saber qual interesse motivavam essa ou aquela tomada de posição?

Ainda na mesma edição do Jornal aparece foram acrescentados outros detalhes envolvendo uma composição do trem que teria se deslocado sozinho, provocando pavor, danos materiais e acidentes:

Os maquinistas, foguista e guarda-freios, sentindo-se impotentes para controlar o comboio em disparada, lançaram-se fora do mesmo, vindo a colidir.¹¹ E a composição, doida e ameaçadora, parou na estação depois de saltar dos trilhos, cortar um poste do telégrafo e virar boa parte.³ A ocorrência teve lugar às 13:30 h aproximadamente, saindo o maquinista Joel Bispo com a perna direita fraturada. (JORNAL CORREIO DE SÃO FÉLIX, 22 de abril de 1950, nº: 774, ano XVI.)

² JORNAL CORREIO DE SÃO FÉLIX, 22 de abril de 1950, nº: 774, ano XVI.

³ Op. Cit.

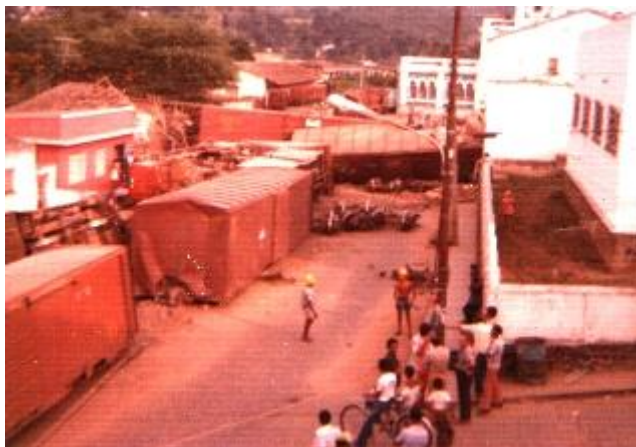


Imagem de um descarrilamento de trem de cargas, em São Félix

As posições e críticas que aparecem nos jornais eram dirigidas aos chefes da Leste, que interpreta os percalços desencadeadores da crise que se abateu sobre sua cidade natal. Referência à função do Jornal impresso constituía-se na necessidade de afirmação de um veículo de comunicação, ora como mecanismo de atração de novos leitores, ora por necessidade de atrair os patrocinadores mediante a concessão de espaço nas páginas do Jornal as propagandas de produtos e serviços diversos. Essa evidência aparece seguinte no título apelativo, do Jornal O Paládio: “Façamos de cada jornal uma escola”. Em outra edição do mesmo Jornal outro título sugestivo: “O que vale um jornal”.

Luiz Gonzaga Dias além de jornalista era poeta e considerado um erudito na cidade de São Félix, na qual ele estabelecia diversas redes de relacionamentos na sociedade local. Uma delas era a sua presença na Associação Atlética de São Félix e no clube esportivo Ferroviário Atlético Clube, compostos, em grande parte, por ferroviários.

A busca de referência em diferentes esferas da vida social corresponde a perspectiva de análise histórico mais profunda, que passa necessariamente pelo contexto do ‘lugar’ do objeto. Na observação Michel de Certeau (2006), tratar com seriedade o lugar é a condição para que alguma coisa possa ser dita com propriedade e realismo. O autor ainda acrescenta que no processo da construção do conhecimento histórico “a articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade” (CERTEAU, 2006, 77).

Considerações finais

O caráter de cidade portuária colocou a cidade de São Félix como polo urbano, assim como, estratégico espaço para escoamento de mercadorias entre o interior e o litoral do Recôncavo baiano, deslocamento de pessoas e a rápida comunicação. Daí a cidade de São Félix ter sido pensada para integrar as aspirações de modernidade, ainda na segunda metade do século XIX.

O governo busca atrair investimentos privados para a região, no sentido da implantação de ferrovia, e a instalação de fábrica, em particular as de charutos, provenientes de capital estrangeiro. Esses traços da modernidade se refletiu no comércio local e no quadro de operários, permanecendo até meados do século XX, quando tem início um quadro de retração econômica da cidade.

Acredita-se que fatores como ações de políticas econômicas do governo federal tenham contribuído, na medida em que se priorizou investimentos na construção de rodovias, deixando o sistema de transporte ferroviário e fluvial, em segundo plano. Diante desse cenário local, a imprensa local buscou construir uma narrativa no sentido atrair o público leitor, como também, serviu como veículo de campanha eleitoral de Luiz Gonzaga Dias. Que obteve sucessivos mandatos eleitorais, ao longo 30 anos em que o Jornal Correio de São Félix esteve sob sua tutela.

Referência Bibliográfica

1. BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. – São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
2. CALONGA, Maurilio Dantielly. **O jornal e suas representações**: objeto ou fonte da história? (Trabalho apresentado no 1º Encontro de História da Mídia, 31/10 a 01/11/2012, Unigran/Dourados/MS).
3. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
4. FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhada da liberdade**: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
5. MATTOSO, Kátia de Queirós. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. São Paulo: Editora Currupio, 1988.
6. LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

7. SILVA, Elizabete Rodrigues da. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres**: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo baiano / Elizabete Rodrigues da Silva . – Salvador, 2011.

¹¹¹ Periódico semanal, fundado em 29 de abril de 1934, sob a direção de Antônio Antydio Luiz. O, então, proprietário. Quando em 20 de agosto de 1944, assume como diretor e proprietário o poeta e cronista, Luiz Gonzaga Dias.